



N.º 385

SR.ª D. MERCEDES DE TEFFÉ, ministra do Brazil em Portugal
(Cliché G. Huebner, Amaral & C.ª, do Rio de Janeiro)

Lisboa, 7 de Julho de 1913

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOBERT CHAVES
Redacção, Administração, Off. Com-
posição e Impressão—RUA DO SÉCULO, 43

Ilustração
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
DO JORNAL
O SÉCULO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colónias por- tuguezas e Hespanha	Ano.....	4800
	Semestre....	2400
	Trimestre...	1600



AUTOMOVEIS

R. 24 de Julho, 56

— LISBOA —

UNIC

SELLOS E ALBUNS PARA COLLECÇÕES

300

Th. LEMAIRE

16, Avenue de l'Opéra
PARIS

A mais importante casa francesa.

stock immenso em sellos raros, medios e communs.

Remessa á escolha contra boas referencias.

Catalogo completo 2 fr. 90 franco.

Gratis e franco. Le Journal des Philatelistes, que dá em cada numero uma lista d'ocasiões excepcionaes a preços sem concurrencia.

A casa paga os seus sellos e deseja comprar collecções e stocks de quem quiser qualificar-se por cartolina.

Sederia
Schweizer

Ultimas novidades em sedas para Vestidos e Lusas bem como em veludos e peluches. Pegam as nossas amostras franco.

Schweizer & Co., Lucerne E II

(Suissa)

Stilli-Flore

Perfume d'uma
concentração até hoje
desconhecida.

**Basta uma gotta
para se perfumar.**

MODO D'EMPREGO:

*Desaparafusar a tampa
e exercer uma ligeira
pressão na extremidade
do Stilli-Flore.*

**PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND**

11, Place de la Madeleine
PARIS

14-15, Conduit Street, LONDON

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

**Será este homem dotado
de um poder extraordinário?**

Muitas pessoas de alta categoria e competencia dizem que esse é na vida de cada qual como n'um livro aberto

Quem ser claramente informado a respeito das cousas que mais lhe podem interessar: Negócios, Casamento, Mudanças de Vida, Occupações? Querem saber ao certo o que devem pensar dos amigos e inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor exito na vida?

LEITURAS D'ENSAIO, HOROSCOPOS PARCIAES GRATUITOS A TODOS OS LEITORES QUE ESCRIVEREM DESDE JA'

ESTÁO actualmente despertando a attenção de todas as pessoas que se interessam pelas ciencias occultas, os trabalhos do sr. Clay Burton Vance, que sem alardear dons especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com o auxilio d'este dado tão simples: a data do nascimento. A exactidão inconstatável das suas revelações e predições, faz pensar que até agora chiromantes, adivinhos, astrologos e videntes de todos os seculos não haviam logrado applicar os verdadeiros principios da ciencia do desenvolver o poder.

As cartas que publicamos em seguida attestam a elevada competencia do sr. Vance: «Recebi o meu Horoscopo, escreve o sr. Lafayette Redditt. Foi com verdadeiro susto que li n'elle, fase por fase, a minha vida desde a infancia até agora. Ha anno que esse genero de estudos me interessa, mas nunca me passára pela idea que fosse possivel dar opiniões e conselhos de valor tão incalculavel. So, portanto, forçado a confessar que v. é um verdadeiro homem extraordinario, e muito folgo que possa fazer aproveitamento daquelles que o consultam, das suas admiraveis faculdades.»

O sr. Fred. Walton escreve: «Não esperava receber uma tão espleendida descrição da minha vida. E' impossivel calcular todo o valor scientifico das suas consultas, antes de haver experimentado directamente, como eu fiz. Consultar a v. ex.ª é ter a certeza de alcançar o exito que se deseja e a «sinceridade a que se aspira.»



Em virtude de negociações levadas a cabo, podemos offercer a todos os leitores da Ilustração Portuguesa, uma Leitura d'Ensaio gratuita, ou Horoscopo parcial. E' necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este offercimento façam o seu pedido sem demora.

Aquelles que desejarem, portanto, uma descrição da sua vida passada e futura, que quizerem receber uma enumeração das suas caracteristicas, talentos e apdões, uma indicação das occasiões que se lhes proporcionam, não têm mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e anno do nascimento, e a cotação pela propria mão dos versos seguintes: Vos-o poder é grand', é assombroso.

Ao mundo a fama diz:
Do meu porvir rasgando o Veu nebuloso,
Dize! — Serel feliz?

Dirigi a voosa carta a Monsieur Clay Burton Vance, Suite 2008, P. Palais-Royal, Paris (França).

Sera convenientemente incluir na carta 150 réis em estampilhas postaes (ou 200 réis em estampilhas brasileiras) para despesas de porte e d'escrptorio. E' preciso notar que as cartas para França devem ser franqueadas com 50 réis (moeda portugueza) (ou 200 réis moeda brasileira). Não se deve incluir na carta d'abreito amoldado.

A «ENTENTE CORDIALE»:

Emquanto no Reichstag o deputado socialista alemão Scheideman, discutindo a lei militar, anrma, de punhos crispados, que a Alemanha está sendo na Europa um funesto agente de provocação,—a França procura tirar o maior partido politico da visita de Poincaré a Londres. As grandes figuras da França contemporânea exaltam John Bull. Ribot louva-se por vêr consagrada a politica de aproximação que iniciou como ministro dos estrangeiros; Bourgeois e Hanotaux adivinham na *entente* a harmonia generosa da paz

universal; Bourget saúda o espirito de tradição da Grã Bretanha, que consiste «*à appuyer tout ce qui est sur tout ce qui fut et à évoluer sans détruire*»;

o escultor Rodin vê, n'uma gigantesca *maquette*, a mão da Inglaterra na mão da França;—mas ninguém mais eloquente do que o ilustre Roll, ao comentar as relações atuais da França de Joana d'Arc com a Inglaterra do *Príncipe Negro*:—«E odiando-se durante muito tempo que os homens e as nações aprendem a amar-se».



O PARLAMENTO:

Sobre os triunfos financeiros do sr. dr. Afonso Costa, encerrou-se ha dias o Congresso. Ha quem louve a ação do parlamento,—e talvez tenha razão. Ha quem se queixe amargamente d'ele—e, como Diderot dizia das mulheres—talvez tenha razão também. O atual congresso tem todos os defeitos e todas as qualidades dos parlamentos,—e, em especial, dos primeiros parlamentos saídos das revoluções. Não podemos, com justiça, pretender que ele seja melhor ou peor do que realmente é. Pode alguém alarmar-se excessivamente com o uso imoderado que se fez, em alguns casos, da violencia e da injuria; mas a injuria e a violencia tem, em politica, um acentuado caráter intelectual,—e chegam a ser belas e nobres armas oratorias quando as maneja um Saint-Just ou um Fabre d'Englantine,—o que, infelizmente, não acontece sempre. Os parlamentos não são, em ultima análise, senão multidões organizadas, que pensam e atuam,



como todas as multidões, peor do que atuaria ou pensaria cada um dos individuos que as compoem. Mas ainda não se inventou outra forma de fazer parlamentos,—senão reunindo homens.

36 GRAUS A' SOMBRA:

Estes ultimos dias de calor horrivel fizeram a delicia dos *pieux marcheurs*. Nunca as mulheres andaram pelas ruas de Lisboa menos vestidas. Sem espartilho, quasi sem camisa, a carne doirada dos hombros a espreitar d'uma *chemisette* de gaze chiffon, a se'a aberta e muito colada, a meia musselina a revelar a carnção rósea da perna, pequeninas Tanagra modernas dançando no bojo d'uma faiança ingleza, trechos de elegancia maliciosa para o pincel d'um Gervex ou d'um Flameng,—as nossas mulheres, que são sempre, evidentemente, as mulheres dos outros, tiveram a bondade de oferecer-nos alguns admiraveis estudos do nu. A «maravilhosa» renasceu por momentos; madame Tallien sorriu-nos do fundo d'esse bosque de Cythéra que foi o seculo XVIII,—e por um pouco a Eva moderna não appareceu descalça e com joias nos dedos dos pés. Decididamente, se o calor affligisse apenas a mulher,—os 36 graus á sombra eram uma temperatura ideal para o homem.



O THEATRO E A LEI:

Não sei de propriedade menos garantida entre nós do que a propriedade intellectual. Apesar das expressas determinações do código civil, o «visto» era por ahi concedido a todos os cartazes de representações teatraes sem primeiro se saber se o autor autorisava ou não a representação da sua obra. Peça publicada, era de *tout le monde et son père*. Toda a gente se julgava no direito de dispor da obra dos autores dramaticos, para a assassinar e a desacreditar em *lournées* e em *clubs*. Com o decreto agora publicado, isso acabou. D'aqui por diante, para um autor ser mal representado,—é preciso, pelo menos, que ele esteja d'accordo.

JULIO DANTAS.

Ilustrações de Manuel Gustavo.



Psicologia d'um indolente

I

Entrado nos quarenta anos, Antonio Maria, que era um sentimental por temperamento, perdeu de repente a alegria de viver e um grande tédio pela existência invadiu-lhe o espírito. Observou-se, n'esse instante, com certa curiosidade, perscrutou as suas emoções mais íntimas, os desejos sempre insatisfeitos da sua alma, os enfraquecimentos sucessivos da sua vontade, a sua timidez, as indecisões do seu caráter, e concluiu, com tristeza mas com penetração crítica e psicológica, que havia falhado na vida onde não deixaria memória, obra, fundamento, atividade, que perpetuassem o seu nome. A si próprio perguntava, sem encontrar resposta clara e precisa, o que viera fazer ao mundo e que razão indefinida, enigmática, justificava o seu destino de inútil. Considerava-se, então, uma superfluidade, uma consciência perdida no vácuo, um absurdo inexplicável e espectral nos maravilhosos da criação consciente. Chovia com melancolia o passado, a aridez de encontrar uma afirmação concreta da sua individualidade moral e mental, a flor d'uma comoção mais pura e viva, uma aspiração realçada, um triunfo seguido; mas atrás dos seus passos incógnitas e hesitantes via somente ruínas, ilusões traídas ou malogradas, sonhos vagos por uma extinta beleza que tivera clareza mas que nunca iluminara o seu ser. Nas preocupações da coletividade não fora já mais uma força ponderada, uma energia fecunda; não concorrera, pela sensibilidade ou pela inteligência, para enriquecer o pensamento dos homens, ensinando-os a procurar a verdade pela ciência ou a graça e a perfeição pelo sentimento; não criara, emfim! Mantivera-se constantemente isolado dos interesses emotivos ou intelectuais da humanidade, encolhido no egoísmo estéril da sua indolência, amolecido pela ideia fixa e pessimista de que todo o esforço humano, na terra perceptível, representava ainda falaz ou vã estopada; e a fé dos seus primeiros anos apagara-se como uma luz há muito tempo oscilante.

E que agora n'as o atormentava era a dúvida que d'ele se apoderara e o não deixava socegar um momento: dúvida que lhe entremecava o seu egoísmo como um erro grosseiro, sem que todavia lhe apresentasse os a os dos outros seus semelhantes como irredutivelmente verdicos. Sombrio e de mau humor, monologava:

— Na realidade, entre as luas da rez pensante, a minha função social é muito inferior à da coque galega, com que se faz o caldo para os pobres. Mas, haverá outras funções mais ferias? Para quê tantas dores, tantas ambições consumidas na conquista do ouro, tantas revoluções políticas, tantas descobertas científicas, tanto tumulto em que os homens se eilam desvairadamente? Se a vida é transitoria, o que os homens tiram a fazer era viver a em absoluta pacificação e esreita concordia, angaria do o pão de cada dia sem alarme e sem febre e confiando n'isso todo o seu ideal. A labuta incessante da essa época, pelas fomes de ditheiro que a sobreabundância, produz escorra e concorre para mais exacerbar nos indivíduos as suas ancestrais raças feroces. E a que conduz esta luta fatigável, se ao fim da sua jornada a morte a paralisa? E é o que eu queria que me explicassem!



O seu enfado, o seu secreto desgosto irritavam-se, exasperavam-se n'estas meditações em que não se erguia uma aurora de consolação e de crença. Até aos quarenta anos ainda teve quimeras e confiança, esperando todas as manhãs, ao levantar-se, a revelação ardentemente idealizada que fosse como a visitação de uma divindade oculta e que de repente rasgasse, ante o seu olhar, os espaços desafogados, os livres horizontes. Confiava no encontro inesperado de alguma coisa que penosamente ficasse enchendo o seu caminho de perfume e de formosura como uma rosa que desabrocha n'uma jarra de cristal e a cobre toda de esplendor. N'esse tempo, a sua vida era inteirada de sentir, pela porção divina de idealidade que esta esperança lhe comunicava. Antonio Maria, como os índios que contemplam, inativos, o umbigo á espera da perfeição do Nirvana, pensava ingenuamente que o prazer, a glória, a fortuna nada mais são do que os frutos "sazonados" d'uma arvore maravilhosa e que para colher os bastava só estender o braço, sem ser preciso correr atrás d'eles em asperas caminhadas: e repousando á sombra, na sonolência da sua preguiça, julgava que a arvore sonhada já floria sobre a sua cabeça ao bom sol de Deus, amadurecendo uma abundancia que inteiramente lhe pertencia! As surpresas imaginadas, porém, nunca passaram de abstrações sem realidade e o sonhador foi envelhecendo. Com os primeiros cabelos brancos, chegaram também os aborrecimentos lugubres, as transbordantes amarguras.

A's vezes, revoltava-se, insurgia-se, alucinado por cóleras frementes que o vitalisavam momentaneamente. Via os outros contentes, cantando a plena voz os seus hinários de amor e de gratidão á existência que ele maldizia com fundo rancor, e interrogava-se febrilmente. Teriam os satisfeitos mais direito á felicidade do que ele? E porquê? Que pecados incorscientes expiava? Esta desigualdade odiosa parecia-lhe uma tirania da Providencia, em que de resto não acreditava. Os rapazes da sua idade, com quem andara no collegio ou frequentara os Liceus, tinham conseguido uma situação, eram elementos de ritmo e de ordem na unidade nacional, produziam, haviam constituído familia e organizado interiores pacíficos com janelas abertas para o sol, em que moravam a alegria e a serenidade. Todos iam realçando com firmeza e proveito uma obra literaria, artistica, industrial ou commercial, davam a vida a outros seres, possuíam a consideração do seu bairro, eram personalidades dominantes. Ele, porém, não concluía sequer um curso científico, murchava entre a sua abastança de herdeiro rico e não entrevia amplidões para uma iniciativa pessoal em que a sua individualidade se accentuasse! Nem ao menos o amor lhe fôr procripto, nos limpidos, luminosos dias em que a todos os corações offerecia flores. Começava a descer a montanha da vida e a entrar nos solitários crepusculos da velhice desconhecendo a ternura feminina!

Uma noite, porém, o seu pessimismo modificou-se profundamente. N'uma reunião mundana viu de subito uma mulher: e esta aparição profetica transfigurou-o. Era, enfim, a surpresa esperada pela sua vida desenraizada das realidades esplendidas do universo e pela sua alma sem afetos que n'ela illuminassem uma suave alvorença. Toda a sua descrença e toda a sua tristeza se diluíram: dissiparam-se mesmo os seus densos nevoeiros mentaes. A natureza surgia agora ao seu enterdimento por um aspeto inedito que a rejuvenescia: a sua existência atingia o ponto com tanto desespero cubicado: a sua crença refluía



como as arvores pela primavera. A divindade tão propiciada, revelara-se, afinal, encarnada

no vulto fino e gracil d'essa mulher a quem não falára mas que durante horas amorosas e fugidias contemplára n'um mudo extasi!

Ela era triste e silenciosa, como se no seu recolhimento interior quizesse dialogar com o espirito das illusões dispersas. A massa dos cabelos louros formava-lhe um diadema á volta da fronte eburnea e alta: as suas palpebras caíam, langorosamente, cançadas sobre os olhos de um azul liquido e absorvente de luz. No seu colo branco e longo de seda ardia o fulgor de uma pedra preciosa, que irisava o mimo das suas carnações perfumadas e macias. Durante toda a noite pareceu alheada do ruído galante que á sua roda se fazia, como se andasse com a imaginação por paragens longinquoas: mas Antonio Maria adivinhava a sua solididade no arfar dos seios que se arredoravam sob as rendas e os satins, no gesto volutuoso com que incessantemente humedecia os labios com a ponta da lingua: e do seu seio erguia-se para essa incomparavel criatura o ardor de um desejo infinito. Chamava-se Luiza e foi, d'aí em diante, a sua obsessão feliz, o grato cuidado de todas as suas divagações. Escreveu-lhe cartas que só não eram grotescas pela since-

ridade que n'elas transparecia: ofereceu-lhe, com o seu ouro, o seu nome: entregou-se todo ao gozo novo de amala com o corpo e com a alma, com a inteligência e com o coração, consagrando-lhe um amor em que não havia calculo, raciocínio, incertezas, mas lume, paixão, confiança: e o dia em que d'ela recebeu uma resposta afavel foi por Antonio Maria considerado como o mais belo de quantos o Criador fizera.

Vivia n'uma exaltação permanente, n'uma extraordinaria vibração de nervos que apenas socejava quando Luiza lhe concedia entrada em casa—essa casa toda cheia de si, do seu bom gosto, da sua sobriedade, da sua elegancia suprema e da sua suprema distincção. Ela confessara-se-lhe lealmente. Era viuva e não tinha sido venturosa com o casamento. A sua abnegação, a sua devoção, o seu cor-silante sacrificio, não foram compreendidos pelo marido, que a maltratava, abandonando-a por fim. As lagrimas choradas não tinham queimado a frescura viciosa do seu rosto: mas haviam deixado no seu sentimento um resíduo de melancolia e cristalizações de desalento.

Fazendo-se mais pequenino á beira do seu regaço, Antonio Maria prometia-lhe uma farta recompensa a tanto sofrimento e contava-lhe a angustia da sua existencia até á hora entre todos hemdita em que a encontrára e por ela fôra iniciado. Nobremente, com medo de magoar esta flôr sensível, aproximava-se d'ela com o maior respeito, venerando-a com a castidade e a pureza com que veneraria uma santa do seu religioso culto.

N'este deliquio dos sentidos, n'esta abdicação de toda a sua entidade, viveu mezes seguidos, sem com ella trocar um unico beijo, porque a desejava pura de maculas no lar que a Luiza destinava e que la formando lentamente. Para bem merecel-a queria ter todas as virtudes e todos os dons da beleza, do espirito e da sensibilidade: para a possuir, queria santifica-la!

Uma noite, porém, quando Antonio Maria bateu, tremulamente, á porta de Luiza—que para elle era a porta d'ouro do Palacio Encantado—não a viu abrir-se apressadamente, como de costume. Tornou a bater, e fez-se o mesmo indecifrável silencio. Olhou então as janelas:—estavam fechadas e através das vidracas, como nos tumulos, não se filtrava a mais tenue claridade. Perturbado e intrigado, procurou a amiga em casa de quem conhecera Luiza n'um inolvidavel momento. Ia cheio de apreensões. Estaria doente? Andaria viajando? Mas como explicar a sua obstinada reserva? Nem sequer lhe mandara um simples bilhete, com duas palavras triviaes! Soube, porém, tudo. Ela tinha fugido n'essa manhã, com um jogador crapuloso! Em face d'esta brutalidade, o seu furor irrompeu como uma labareda. Oh! a vil mulher! A vibração!

Nada de cenas romanticas e riciculas! Meu amigo, o sr. com a sua timidez e a sua inexperiencia, não podia satisfazer os caprichos sentimentaes de Luiza, q'ue era uma experiente!

—Mas então aquellas declarações incendiadas, toda aquella candura aparente, a mentira dum amor jurado e traido!...

—Comedia! Isto é, talvez que houvesse uma pontinha de verdade illusoria na paixão d'ela, durante os primeiros tempos. Mas appareceu-lhe outro com um temperamento identico ao seu, e caindo em si, concentrando-se, desenganou-se. Que quer? Deve confessar que foi honesta. Podia continuar representando, não é assim?

Antonio Maria compreendeu a justeza d'estas observações. Rialmente, Luiza, seguindo os impulsos da sua carne, fôra coerente e revelára uma qualidade moral.

—Foi franca!—lizia-lhe a amiga, tentando convencer-o.

—Na pouca vergonha!—resmungou Antonio Maria, despedindo-se.

Recolhendo tristemente á solidão da sua vida de solteirão, sentiu voltar o tedio antigo, suavizado agora pelo luar d'uma saudade dolorosa e doce. Que iria fazer? De certo que não se suicidaria, porque se sabia incapaz de gestos violentos e de affirmações espetaculosas, e não tinha vocação para Werther. A molheza da sua vontade tornava-o incapaz de resistencias energicas: e refugiava-se, por isso, na certeza fatal de que a propria vida o iria gastando e demolindo. Encerrou-se no seu quarto, experimentando um certo pudor pela sua virginal ternura humilhada e pelo seu orgulho ofendido. Acendeu com serenidade um charuto, soprando bafadoras de fumo e recordando a meiguice do seu idílio grotescamente interrompido. A quella hora, Luiza, volutuosae desvaída, murmuraria aos ouvidos d'um outro homem mais positivo e decidido do que elle fôra, as confissões que lhe fizera, pousando a cabeça desfalecida sobre o seu hombro. O sofrimento causado por essa evocação acabrunhou-o. Para recordar com mais nitidez, abriu vagorosamente a gaveta onde guardava a correspondencia lirica de Luiza, comprazendo-se em revolver as cinzas arrefecidas da sua morta adoração. Releu as cartas até á madrugada: e ao dobrar a ultima, estava tranquillo. A aventura curara-o. Aquele amor funesto fôra para Antonio Maria a ultima lição da existencia. D'aí para o futuro não daria um passo mais apressado para alcançar a ventura—essa ventura que nada mais era de que uma banal imagem literaria. Metendo-se no leito e suspirando d'alivio, disse:

—Não lhe quero mal por isto. Coitada! O meu reconhecimento será duradouro, porque Luiza foi, para mim, uma divisação na fadiga, uma nova forma de tedio!

Estudando-se com minucia, na lucidez especial da sonolencia, acrescentou:

—E' curioso! Sinto-me tão vazio como quando a encontrei pela primeira vez... Não ha amor! O que ha é maçada...

E adormeceu socegradamente.





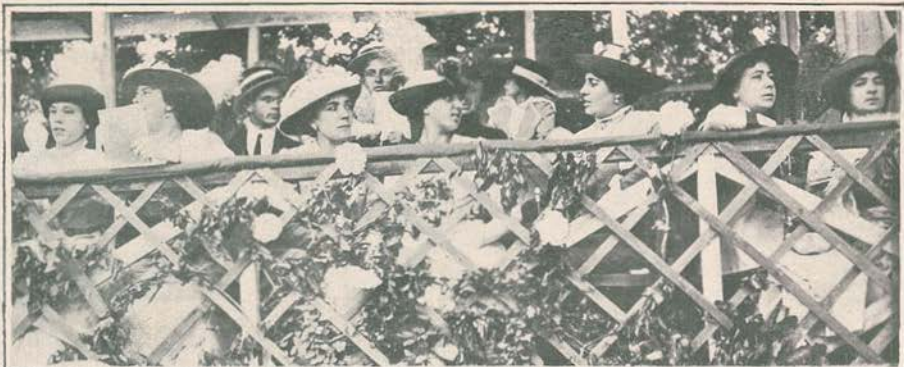
O concurso Hípico do Porto



Aspéto da assistência.



2. Um belo salto do cavalo do tenente sr. Sá Guimarães ao transpor uma barreira.
3. Miss Gening saltando a zebr.



Um aspecto elegante da assistência.

Tem sido um verdadeiro sucesso os concursos hipicos na capital do norte. Durante este verão, de resto, os desportos n'aquella cidade tem subido em brilho e em importancia. Uma particularidade curiosa é a frequencia das tribunas de dia para dia aumentar, tendo-se tornado esse genero de diversões um dos mais predi-



letes pontos de reunião das elegantes portuenses.

Tratava-se d'esta vez de disputar o grande premio do Porto, no concurso, havendo, como atrativo, a celebre Taça de Honra que a «Ilustra-

ção Portugueza» publicou no seu ultimo numero e que foi ganha, depois d'uma re-

ninhada luta e de esplendidas provas, pelo



Cutros aspectos da assistência.

tenente sr. Henrique Constancio.

Era aquele objeto oferta do Club Hípico do Porto e para o ganhar fizeram-se prodígios, tendo-se dado quasi no final da corrida um incidente desagradavel. O cavallo montado pelo tenente sr. Cifka Duarte, ao saltar a banqueta, caiu, partindo uma perna e a espinha e morrendo pouco depois. Perencia ao tenente sr. Calado, chamava-se «Vulcano»

e tomára parte em numerosas provas.

Disputou-se tambem o concurso entre sargentos, no qual houve numerosas ins-



1. Sr. Itói de Menezes, transpondo uma barreira.
2. O tenente sr. Henrique Constancio, que é o detentor da Taça d'Honra, na egua nacional Dina.
3. Sr. D. Maria Raquel Pimentel.

(Clichs do sr. Alvaro Martins)

crições, recebendo o primeiro premio o sargento Leandro, de cavalaria 2, e o segundo o sargento Francisco Antonio, de cavalaria 9.

O grande premio do Porto constituiu uma das mais brilhantes provas, destacando-se muitos dos cavaleiros, mas obtendo o primeiro premio, quinhentos mil réis, o tenente sr. Delfim Maia.

Na prova de parellas notou-se a elegancia dos cavaleiros, pertencendo os premios aos srs. Constancio e Alverca, João Campos e Sá Guimarães, Campos Soares e Manuel Latino.

Encantadora a festa; a assistencia a mais bela, um sol d'oiro inundando tudo, vida, entusiasmo, tudo isso houve no esplendido concurso hípico, realiado com grande exito no Porto, a co-roar as outras festas do genero, todas tão belas como as da capital e com a concorrencia dos mesmos apaixonados cultores d'aquelle «sport», os nossos mais eximios cavaleiros.

Tambem appareceram no concurso algumas gentilissimas amazonas portuenses, cheias de linha e montadas em magnificas estampas.



A visita do Presidente da Republica Franceza a Londres

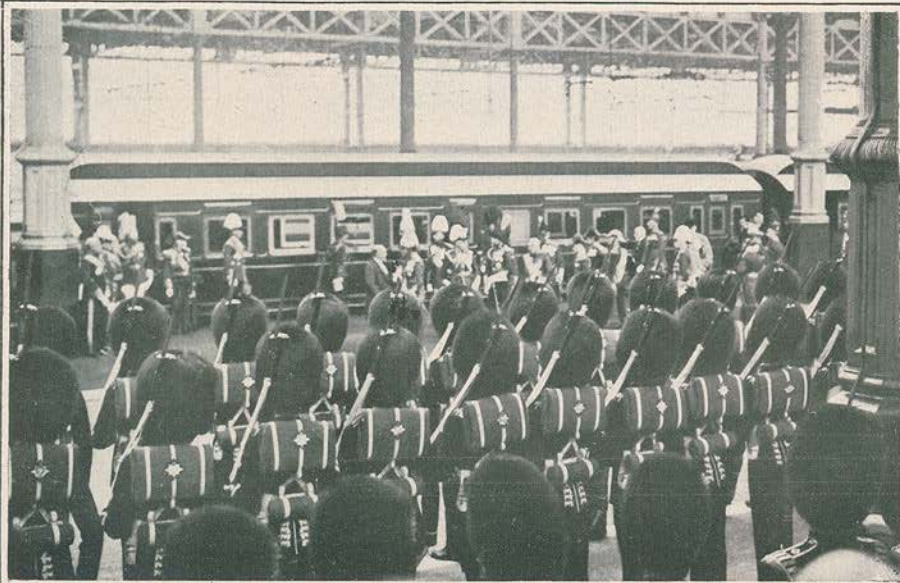


O Presidente da Republica e o rei d'Inglaterra aclamados pela multidão.

A viagem do Presidente da Republica Franceza a Inglaterra, onde foi alvo de grandes manifestações, tem uma alta significação d'uma maneira clara acentuada no grande banquete de Buckingham.

E' a aproximação da França e da Grã-

Bretanha que se mostra ao mundo n'um grande desejo de paz. Foi enorme a pompa com que a cidade de Londres acolheu o seu hospede, cuja atitude marcou a ligação dos dois paizes que desde a *entente cordiale* iam definindo as suas simpatias.

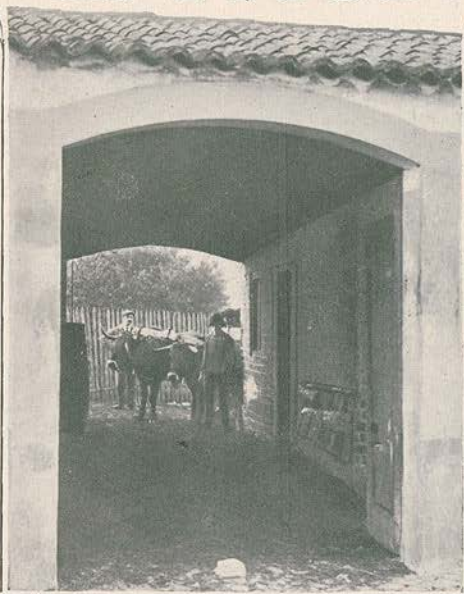


A chegada do Presidente da Republica Franceza a Londres—(Clichés Central Photos)

O PÃO

Dizem que vamos ter o pão mais barato, porque o governo apresentou ao parlamento um projeto de lei n'esse sentido. E', sem duvida, um grande problema a resolver, e a sua solução representa uma medida administrativa de grande alcance.

Mas quantos problemasha ainda a resolver sobre o pão? O primeiro, o que preocupa a maior parte da humanidade, é ter pão. Ter que comer, ter pão, ainda que



não seja senão na sua expressão sequíssima de uma massa de farinha, fermentada e cozida no forno, é o problema capital em que se agitam muitos braços e se consomem muitos espiritos; é um problema que nunca deixa de perseguir o homem, ainda quando ele procura fugir-lhe nos seus mais arrojadossinhos de gloria. E, se ha quem o bte n h a pão e quem o coma mais barato, isto é, se se resolvem esses dois problemas, surgem logo outros, como, por

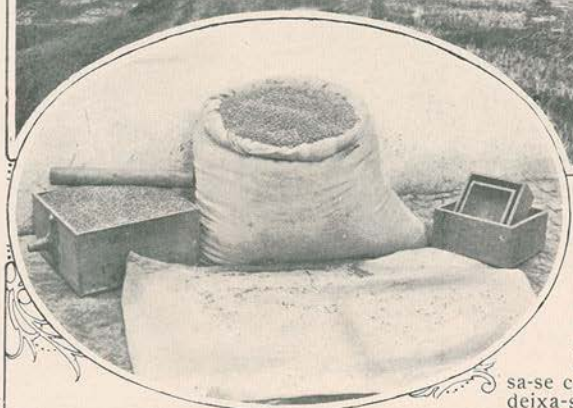
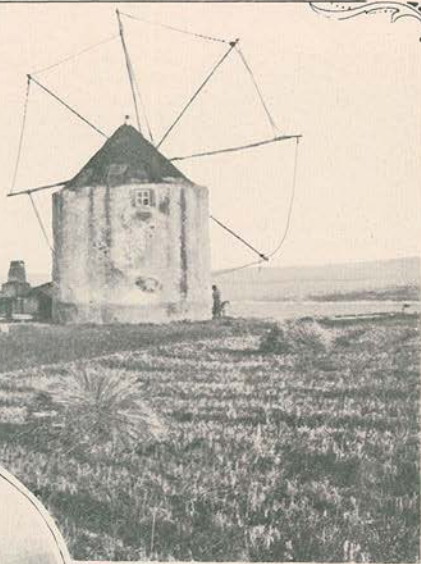
exemplo, o de arranjar pão bom e o de saber se o pão faz bem ou faz mal, deixando estes de o comer e recorrendo aqueles ao pão de amanho primitivo, como o que comiam nossos avós, que nunca sofreram do estomago



1. Saindo para a lavoura ao amanhecer. (Clichê da sr. João de Magalhães Junior).—2. A entrada do trigo na eira
3. Desarrregando os molhos de trigo.

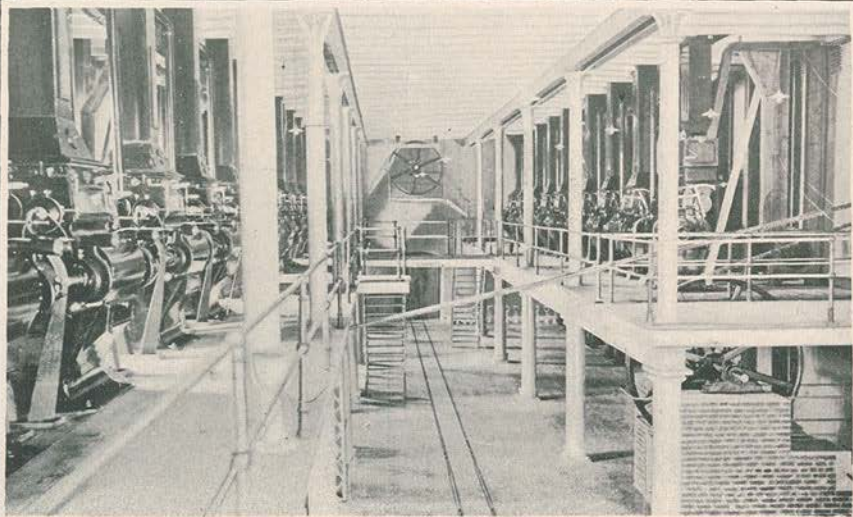
e eram, na longevidade, dignos descendentes de Matusalem.

Este ultimo é dos problemas mais curiosos. Não ha como o pão das aldeias, dizem uns, levando outros os seus apetites a comer uma especie de bolo espalmado, cosido alternadamente dos dois lados sobre uma tijoleira delgada, aquecida fortemente só pela parte inferior. Um romano do tempo de Numa Pompilio não se deliciaria mais gulosamente do que eles com semelhante manjar.

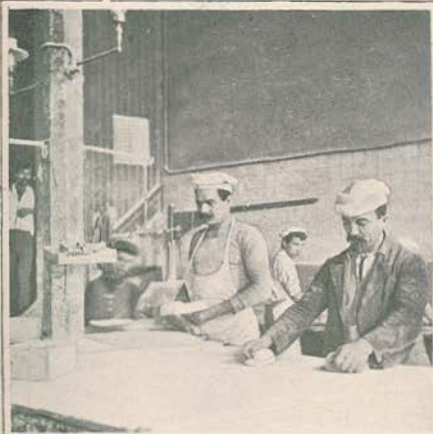


1. Uma triste vítima dos progressos da moagem
2. O trigo ao sair da eira.

O pão da aldeia, o pão da aldeia! O trigo vae do campo para a eira, da eira para a azenha, ou para o moinho de vento, onde é moído por egual, nucleo e casca; do moinho vae para casa; peneirase, limpando-o apenas dos residuos mal triturados da casca, amassa-se com fermento, faz-se-lhe uma cruz, deixa-se levedar e, depois, forno com ele. Tudo isso feito ás claras, sem lotações misteriosas da farinha, para lhe dar



A moagem moderna na manutenção militar. (Ficha de Benedit).



alvura e peso, para arranjar com o pó compensador de outras sementes mais baratas um pequeno ganho, incompatível com as exigências da tabela, etc. Todas essas operações são feitas à vista de quem queira por umas mãos de mulher de irrepreensível asseio, enterrando-se-lhe na massa até ao cotovelo os braços vigorosos, d'uma carnção magnífica, sem a mais leve beliscadura.

Fica um pão escuro, mas savorosíssimo e com todos os princípios nutritivos do trigo, havendo ainda a tornal-o apetitoso a idéa de ter sido amassado por belas mãos femininas e coberto por uma toalhinha da alvura imaculada de uma açucena.

A indústria, afirmam eles, apoderou-se implacavelmente de nós nos grandes centros e vitima-nos de todas as fôrmas e feitios. Atrofia-nos o corpo com o vestuário, aleija-nos os pés com o calçado, e, não contente em envenenar-nos com mil formulas culinarias, impõe-nos um

1. Tendendo o pão na cidade. (Clichê de Benoitel).
2. Tendendo a boroca na aldeia. (Clichê do sr. J. Megalhães Leão).



Na manutenção militar. (Clichê de Benoitel).



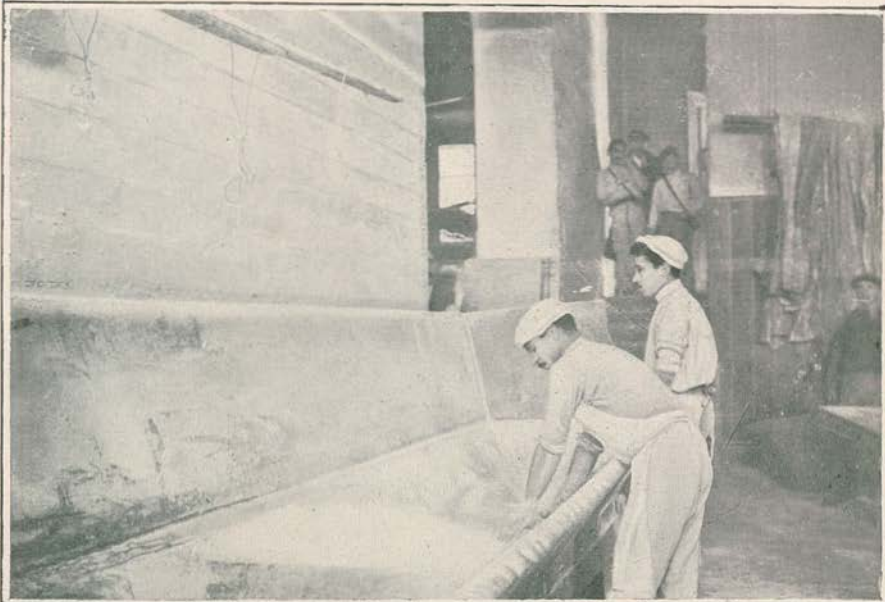
pão que não é mais
que uma substancia
rica em carbonio para
queimar cá dentro e requei-
mar-nos.

A moagem mecanica pe-
gou no trigo e descascou-o pri-
meiro que tudo, levando para
os residuos, na casca e, na ca-
mada subjacente, a maior per-
centagem de gluten e deixou-
nos, para panificar, amido, qua-
si tudo amido, muito tentador
na côr, mas muito pobresinho
de valor nutritivo e difficil de
digerir. E, depois do estomago
arrazado, a mesma industria
fornece-nos complacentemen-
te pão de toda a farinha para
o concertar, pão com a casca
do trigo, mal desfeita pela ma-
quina, quando entre as pedras
do moinho, ela se tritura com
o grão e vae ás particulas miu-
dinhas misturadas com o ami-
do.

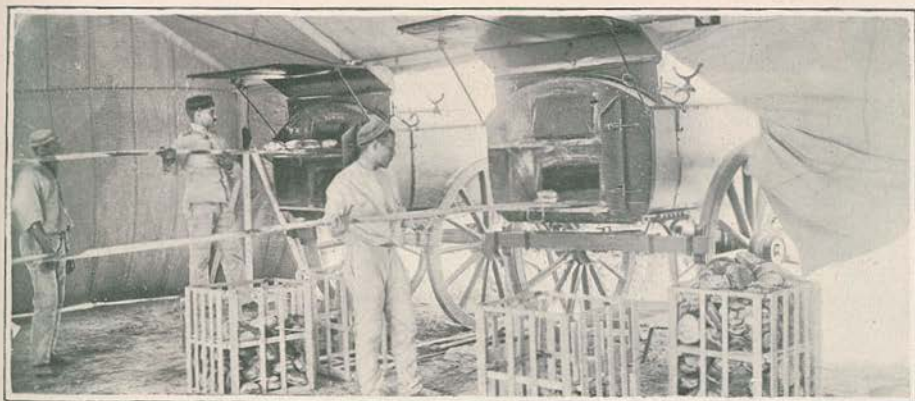
E a agua com que se amas-
sa, as condições de limpeza
em que se faz esse trabalho,
as condições de sanidade de
quem o faz, etc? Não; aquele
que não tem necessidade de se
ocupar com os problemas de
ter pão ou de o ter barato,
não se tortura menos em sa-
ber se o deve comer ou não,



Como se amassa na aldeia.
(Cliché J.-Mogallier Junior).



Como se amassa em Lisboa. (Cliché de Benoit).



Forno de campanha. (Cliché de Benoitel).

e, caso afirmativo, onde o ha de encontrar puro e asseado.

Já ha muitos anos vimos debatida no conselho municipal de Paris este problema do pão sob o ponto de vista higienico. Um dos seus membros mais illustres sustentou, com largos argumentos de ordem quimica e fisiologica, que o unico remedio era voltar ás mós. «Retournons aux meules, retournons aux meules!»

Estas palavras reboaram com acordes profeticos até ao fundo dos corações mal servidos por uma circulação



Forno de campo

frouxa, carregada de impurezas. Falou-se, escreveu-se e bracejou-se contra a moagem mecanica, como setres milhões de almas pudessem estar ali a fazer cruces na boca, á espera de vento nas velas ou de agua nas penas do rodizio, para lhe fornecer em 30 dias farinha que as fabricas lhes forneciam n'uma hora. E os ecos d'essa calorosa campanha, es-cudada nas mais incontrouversas razões científicas, acabaram por morrer sob a resignação dos propagandistas para estes não morrerem de fome, que



A casa do forno—(Cliché do sr. J. de Magalhães Junior)

ainda é a mais horrorosa das mortes.

O pão da aldeia, o pão da aldeia! Como é delicioso saborear um cantinho de pão trigueiro, da cor do que os israelitas comiam pela sua páscoa, mas aberto, afogado por uma levedação lenta e igual, conservando no miolo bem cosido uma elasticidade glutinosa, que em nada se parece com a massa peganhenta, mal fermentada e cosida, de muito pão fino da cidade.

Que encantos indizíveis não se sentem, ao contemplar todas as fazes do trabalho do homem, do animal e da própria natureza desde que o grão se lança à terra até que se multiplica n'outros e se transforma em pão!

Os bois que partem de manhãzinha para a lavoura, mugindo uma saudação pachorrenha ao saírem do curral e condensando-se-lhe os vapores da larga respiração, ao contacto do ar frio, n'um leve nevoeiro que os acompanha fluctuando-lhes sobre o dorso; o lavrador, de mangas arregaçadas, camisa aberta no peito, falando aos bois com ternura, mão firme na rabiça, sulcando a terra com rara perfeição geométrica e aflagando-a com a grade, depois de lhe lançar o grão, como quem confia um tesouro

ama, as suas trovas prediletas; os ceifeiros, por estes dias escaldantes de julho, em numerosos ranchos, pendidos para a terra de baixo de um sol de fazer vertingens, en-



O forno na aldeia. (Clichê do sr. J. Magalhães Junior).

volto n'uma atmosfera de lucilações sanguineas como as da África equatorial, mas cantando sempre—estranho contraste!—com uma impressionante frescura de voz; o gado na eira, n'um eterno giro em volta do centro, ordenado em linha como um raio que se desloca constantemente, descrevendo circumferencias sobre circumferencias, n'uma sucessão vertiginosa e estonteante, e o grão a saltar-lhe debaixo dos pés n'uma crepitação seca de madeira que o fogo vae ganhando; e, finalmente, aqueles montes de trigo que se vão formando, já limpo da praga, tomando um tom fulvo ao apanhar a luz intensa, montes que se esboroam, com o trepidar do solo, ás ondas concentricas que se alastram mansamente pelo chão da eira!

Quantos quadros mais como estes, tão encantadores de bucolismo e eloquentemente expressivos do muito que custa arrancar da terra o grão de trigo, tão omitimos, porque não ha pena que os descreva e talvez ninguém entre nós, um paiz agrícola, que os não conhe-

ça! Mas ha um dos mais belos, dos mais típicos da nossa labuta rural, que vae rareando tanto que em muitas regiões já se não admira.

E' o do burrinho do moleiro, ajoujado



O forno em Lisboa. (Clichê de Benoit).

a uma boa amiga; as mulheres cautelosamente enfileiradas pelos regos das leiras, mandando o trigo de um verde terno como o dos presepios e desferindo pelo ar calmo, com a voz requebrada de quem



Como se amassa no teatro: A atriz Carlota Santos na encantadora comedia os Velhos de D. João da Camara
(Clichê do distinto fotografo Fernandes)

sob dois taleigos de trigo, que lhe batem isocronamente nos flancos despelados, á maneira de alforges. Como a gente se ficava a

vêr o paciente bicho, a passinho meudo, parando de vez em quando, talvez n'uma re-flexão dolorosa da sua triste vida, ou de re-

volta contra a pequena do moleiro que, ainda para mais ajuda, lhe ia a dormir em cima, repimpada entre os dois sacos, como uma castelã medieval nas suas andas! Lá se sumia ele na volta da estrada para tornar a aparecer mais tarde, muito mais tarde, com todos os seus vagares, no último plano da paisagem, n'uma colina já azulada do cobalto de céu, onde panejava les-to o moinho!

Acabou-se! Nem um taleigo sequer já

go e do nosso dinheiro, é que o re-
envia, sabe Deus em que farinha, para as populações rurais, que trocaram por ela o seu milho, as suas batatas, etc., conven-
cidas de que fizeram muito bem.

Se hoje vale a pena ir da cidade á al-
deia para comer pão, é só para fugirmos á idéa asquerosa de que ele é manipulado por homens de sanidade suspeita, cigarro labrégamente ao canto da boca, com um grande morrão a desfazer-se e o respeti-



1.—Na cidade: Pão que se come com repugnância.—2. Na aldeia: Pão que se come por gosto. (Clichê do sr. J. Magalhães Junior).

apanha o burro, nem um selamin de ma-
quia o moleiro. E o moinho lá está, de ar-
mação desmantelada, como se saísse de uma
refrega medonha, paredes esburacadas e
denegridas. Nem viv'alma por ali aparece,
a não ser algum caçador que lhe criva a
porta de chumbo para experimentar o al-
cance e a distribuição da arma, ou algum
môcho que á noite se lhe encarrapita n'um
resto da armação, despedindo dois pios,
com intonações funebres de responso, so-
bre aquela pobre vítima da moagem meca-
nica. O pão da aldeia! O pão da aldeia! Que
decência para quem imagina ir comel-o ri-
co de princípios azotados! Não; todo aquele
trigo ainda não chega para a voracidade
industrial da moagem; ainda é preciso im-
portar milhões de kilogramas. Ela depois,
a soberana dominadora do nosso estoma-

vo fio de saliva denegrida e infecta, e de
que ele nos é entregue á porta por um
homem de botas grandes, cheias de lama,
camisola largamente manchada de fer-
mentações sudoríparas, «bonet» cheio de
dedadas untuosas, unhas enormes, tarja-
das de preto, e deitando para o hombro
ou um saco imundo, ou um retalho de co-
bertor poluído, que já não serve para a
cama e por isso se aplica a cobrir a cesta;
ao passo que na aldeia ele é tratado por
mãos esmeradas de mulher com os seus
braços roliços, alvos e escorreitos, e ven-
dido por belas raparigas, com a cara e as
mãos tão lavadinhas, tão frescas, como o
lenço e o avental todos tafues que as
adornam.

E vale a pena, oh! se vale!...

A. M. F.



O distinto professor de piano sr. Francisco Baía deu tres brilhantes audições aos seus alunos tomando n'elas parte a sr.^a D. Helena Shirley, discipula do maestro Sarti, professor de canto; D. Ermelinda Batista Ribeiro, discipula do sr. Alexandre de Vasconcelos, professor de violino, D. Fernanda Freitas (tambem discipula de Baía) e D. Celeste Faria, discipulas de madame Stegner Prado, a linda cantora que tomou igualmente parte no concerto: No primeiro plano, da direita para a esquerda sr.^{as} D. Eleonora Dargent; D. Maria da Soledade Mourão de Freitas; D. Celestina de Faria (discipula de canto de madame Stegner Prado); D. Maria Carlota da Fonseca; sr. F. Baía; D. Luiza Almendro Coutinho; D. Fernanda de Carvalho; D. Gertrudes R. da Costa; D. Fernanda Freitas (Vila-Gião)—2.^o plano: sr.^{as} D. Helena Shirley (discipula de canto do maestro Sarti); D. Ermelinda Batista Ribeiro (discipula de rebecca do sr. Alexandre de Vasconcelos); D. Isaura Ribeiro da Costa; D. Isabel d'Ayala Toulson; D. Julia Vale Monteiro; D. Maria da Conceição Figueiredo; D. Maria A. Caldas; D. Marie Dargent; D. Maria da Conceição Tavares de C. Baía. — 3.^o plano: Sr.^{as} D. J. da Conceição Silva; D. F. Vieira de Sá; D. Olinda B. Ribeiro; D. Izabel Vaz P. Brazão; D. M. Helena Judice da Costa Venancio; D. E. C. da Cunha; D. Ana M. Caldas. — 4.^o plano: sr. Augusto Lopes Gonçalves; sr.^a D. Filomena da Cunha Fiuza; sr. Francisco Eduardo Batista; sr.^{as} D. Laura de Jesus Filgueiras; D. Ilda Henriques Certo. — Nos medalhões: A direita sr.^a D. Maria Lind Salgado. A esquerda, sr.^{as} D. Eugenia Gonçalves Monteiro e D. Belmira Castanheira de Moura. (Clichê de Benoit)



NIOBE

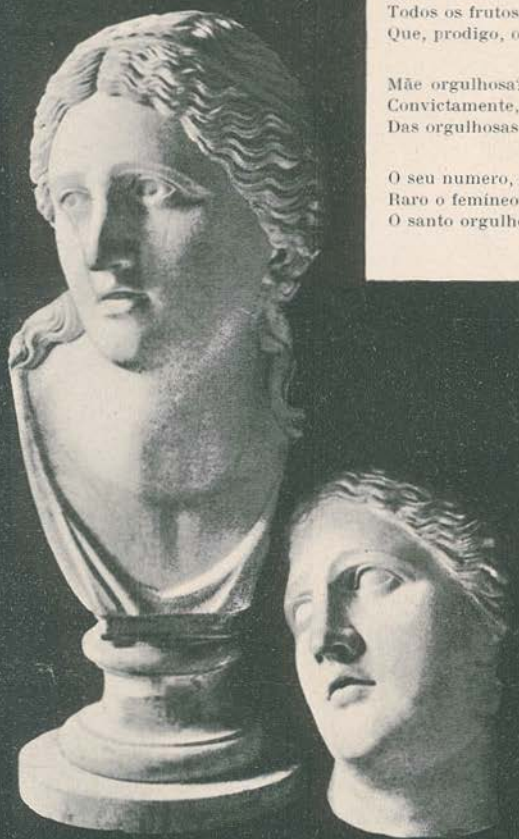
VERSOS EXTRAÍDOS DO LIVRO «ETERNO FEMININO»,
DO ILUSTRE ESCRITOR FERNANDES COSTA.

Em estatua a vejo, de sinistro alvôr,
Modelo, que os artistas vão buscar:
Os braços contorcidos pela dór,
Os olhos sem descanso de chorar.

Mas não entendo o divinal furôr,
Que poudes d'esses braços arrancar:
Todos os frutos do materno amôr,
Que, prodigo, o Destino lhe quiz dar!

Mãe orgulhosa?... Consenti que eu diga,
Convictamente, esta verdade funda:
Das orgulhosas d'essa especie antiga,

O seu numero, agora, pouco abunda.
Raro o femineo peito, onde se abriga
O santo orgulho de ser mãe fecunda!...



Pará Artístico

O «HOME» DE UM GRANDE ESTÉTA

Afigura-se a muito europeu culto que o Brazil se atrazou algumas décadas em relação ao rapido evoluir das artes e ciencias. Que, quando não *crie* pelo menos não assimila o que na Europa existe em todas as manifestações do pensamento humano. Estou em acreditar que ao Brazil até sabe bem que os europeus façam d'ele tal juízo, porquanto sde acontecer ao viajante ficar extático, surprezo, não só pelas suas naturaes belezas, como pelo viver dos seus naturaes, ou nas suas exteriorizações politicas, científicas ou esteticas.

Ao Brazil não se pôde negar exuberancia em qualquer das parcelas da sua vida social. Assim é que, atualmente, tem no seu ativo todas as forças dinasticas que são os valores sociaes em que assentam as nacionalidades modernas. Possui oradores e politicos como Ruy Barbosa, o Ciclópe brasileiro, Pinheiro Machado, Barbosa Lima, Dantas Barreto, Eneas Martins, Lauro Sodré, etc; poetas e prosadores como Olavo Bilac, Alberto d'Oliveira, Coelho Neto, Hermes Fontes, João Ribeiro, Carlos Laét, José Verissimo; diplomatas e historiadores como Oliveira Lima, Assis Brasil, Homem de Melo, Domício da Gama, Magalhães Azeredo e Graça Aranha; juriconsultos e economistas como Lafayette Pereira, Vicente Ferrer, Pedro Lessa, Manuel Murtinho, Francisco Salles;



Dr. Teodoro Braga.



Um aspéto do *Studio* Madama Braga trabalhando n'uma das suas produções em *cuir repoussé*. Ao fundo o quadro d'este genero: o escudo d'armas do estado do Pará, premiado com medalha d'ouro na exposição Internacional de Turim.



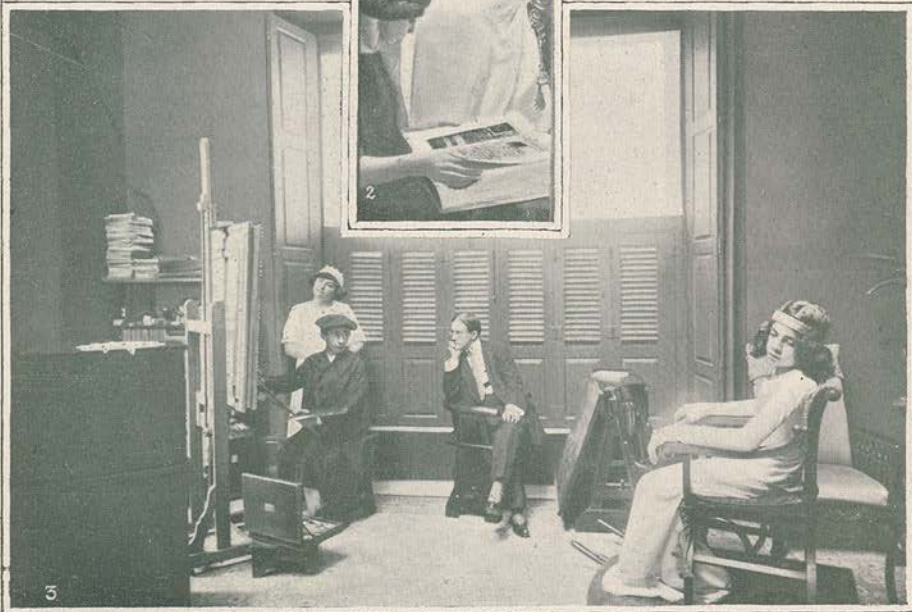
sociólogos e pensadores como Silvío Romero, Artur Orlando, Soriano de Albuquerque, Pontes de Miranda, Pedro Queiroz, Fábio Luz; jornalistas como Alcindo Guanabara, Pinto da Rocha, Paulo Barreto; críticos d'arte como Alfredo de Souza, o grande crítico paraense, portuguez de nascimento, Araujo Jorge, Oscar Guanabaro; artistas como Antonio Parreiras, Elpidio Pereira, Abel do Nascimento, Batista da Costa e tantos outros nomes que á força de talento atravessaram o oceano e se tornaram conhecidos dos centros eu-

ropeus onde a arte pontifica. D'entre esta pleiade de artistas, que hão alcançado a gloria á custa dos seus proprios meritos impõe-se, um, nortista, de uma espiritualidade toda internacionalizada no convívio com os elementos estranhos ao seu sempre belo paiz. Refiro-me ao pintor paraense Dr. Teodoro Braga, que não é apenas um admiravel artista da paleta, mas, tambem, um professor illustre e literato insigne.

Formado em ciencias sociaes e juridicas pela faculdade do Recife, o dr. Teodoro Braga nasceu artista. Concluindo o seu curso foi de delongada até á Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde, por fim, obteve o primeiro premio de viagem de estudo á Europa.

Frequentando os melhores *ateliers* adquiriu essa visão estetica que é propria de eleitos, e, enriquecido com novas noções sobre a sua arte, voltou ao seu paiz vencedor em toda a linha a despeito dos mal humorados sedentos do seu talento indiscutivel.

Não ha espirito culto vindo ao Pará que não deseje vêr o *home* do grande esteta. Sae encantado com a disposição ritmica de todos os elementos que contribuem para a confeição da obra d'arte. A esposa do doutor é artista tambem. Além de nascimento foi condiscipula de seu marido no mesmo *atelier* em Paris. D'aí a colaboração permanente para a realização do ideal estético que in-



1. O *Studio* de Teodoro Braga, avenida de Bolonha.—2. Fona Alda.—3. A sala de trabalho no *Studio*



sufia a vida n'aquela casal feliz. Desde a moradia, moderníssima, ao menor recanto do edificio adrede feito para o *Studio*, segundo plano do distinto engenheiro paraense dr. Francisco Bolonha, respira-se arte apenas. Não cabe n'aquela tebaida a mais pequena mesquinhez humana, nem jámais penetrou outro anseio que não fosse o de aperfeiçoar o quadro entre mãos para a perdurabilidade de um nome imperecível.

A orientação pedagogica do pintor é requintadamente moderna. Possuidor de uma vontade de ferro tem reformado no Pará os processos

arcaicos das artes do desenho. Em todas as manifestações do seu maviavel saber comprova os seus elevados conhecimentos psicologicos, dando a alguns quadros uma feição de desmedido interesse filosofico. O seu belo quadro *A Causa Victrix* é modelar pela profundez do conceito.

Se outros artistas não tivesse o norte do Brazil, bastaria o nome do dr. Teodoro Braga para o tornar admirado de todos os verdadeiros cultores de uma arte eminentemente social.

Nauas, Maio—1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO.



1. O critico d'arte dr. Alfredo Souza.—2. Ex Libris do dr. Teodoro Braga.—3. Cabeça de velho preto baiano, estudo do dr. Teodoro Braga.—4. Outro aspéto do *Studio* do illustre pintor.

A viagem do chanceler brasileiro a Washington

A viagem do sucessor do barão de Rio Branco, dr. Lauro Muller, a Washington, representa, na vida americana, um grande estreitamento de relações.

Os Estados-Unidos, por intermedio do seu embaixador, convidaram o chanceler do Brazil para essa visita, que tem sido

na qual colherá grandes resultados praticos para o seu paiz, mais servirá, tanto á gloria da sua carreira politica, como ao progresso da sua bela patria.

Durante a ausencia de Lauro Muller ficou dirigindo o ministerio das relações exteriores no Rio de Janeiro, outro distin-



O dr. Lauro Muller, ministro das relações exteriores do Brazil, o antes da partida para Washington, onde foi a convite do governo norteamericano. O chanceler, sucessor do ilustre barão de Rio Branco, entre o sr. dr. Edwin Morgan, embaixador americano, Regis d'Oliveira, sub-secretario do exterior, e o representante do presidente da Republica, á saída de Itamaraty.

uma verdadeira apoteose e calou profundamente no espirito nacional, ávido do engrandecimento da sua terra e da sua situação politica.

O dr. Lauro Muller conseguiu, em pouco tempo, chamar as simpatias de que gozava o grande diplomata que foi o seu antecessor, e essa viagem d'agora,

to diplomata, o sr. Regis d'Oliveira, cujos serviços tem sido relevantissimos, e que desempenhará, com o mesmo brilho de sempre, aquele cargo até ao regresso do chanceler que, segundo consta, visitará tambem os Açores na sua volta da America do Norte, onde tem sido alvo de manifestações entusiasticas.



O curso jurídico de 1886: Grupo dos bachareis formados há 17 anos que se reuniram em Coimbra a 22 de junho de 1913

1. Srs. Leopoldo de Carvalho Sameiro, advogado; 2. Albino Matos, juiz de direito; 3. Sebastião de Carvalho, advogado; 4. Manuel da Nôvoa, conego da Sé de Braga; 5. J. Teles de Menezes, advogado; 6. Cezar A. dos Santos, juiz de direito; 7. Antonio Nave Catalão, professor; 8. Augusto d'Oliveira Coimbra, advogado; 9. Carlos Mesquita, professor na faculdade de letras; 10. M. d'Azevedo Faria, advogado; 11. Manuel da Costa Amador Valente, advogado; 12. Antão J. d'Oliveira, abade de Maximinos; 13. Manuel d'Abrantes Moraes, delegado do Procurador da Republica; 14. J. Mendes, professor; 15. Antonio Nicolau Carneiro, advogado; Manuel Joaquim Vieira, conservador do registo predial; 17. Germano Martins, advogado (atual diretor geral do Ministerio da Justiça); 18. Albino d'Oliveira, notario; 19. Fortunato d'Almeida, professor do liceu; 20. José Teixeira Rebelo, notario; 21. Viriato de Sá Fragoso, contador; 22. Abilio d'Andrade, juiz de direito; 23. Alberto Vidal, professor do liceu (atual governador civil d'Aveiro); 24. Daniel Silva, conservador do registo predial; 25. Jaime Arnaud, conservador do registo predial; 26. José F. d'Andrade, advogado; 27. João C. F. Lima, advogado; 28. Emilio P. de Sá Soto-Maior, delegado do Procurador da Republica; 29. Augusto d'Assis, advogado; 30. A. L. Mendes da Silva, contador.



O novo ministro do Brazil em Portugal sr. dr. Oscar Teffé e madame Mercedes Teffé a bordo do *Arlanca* no dia da sua chegada a Lisboa. Ao lado esquerdo de madame Teffé o ex-ministro sr. dr. Eduardo Vallin, ao fundo sr. Fortunato de Sousa drs. Veloso Rebelo e Belfort Ramos, secretarios da legação brasileira.

O sr. dr. Oscar de Teffé é um dos mais ilustres diplomatas brasileiros e que occupou em Lisboa o cargo de 1.º secretario de legação.

O seu governo nomeou-o ministro para Athenas, onde esteve algum tempo regressando ao Rio de Janeiro para ir occupar transitoriamente igual cargo na Bolivia.

A sua nomeação para representante do Brazil em Lisboa agradou sobremaneira no nosso meio onde como sua esposa, a sr.ª D. Mercedes de Teffé, tem um lugar conquistado pelas suas grandes qualidades.



1. O illustre medico sr. dr. Antonio Julio da Costa falecido em Extremoz.—2. O sr. João Santos Matos, ativo e importante industrial, pae do sr. José dos Santos Matos, socio da firma Santos Matos & C.ª, falecido na Amadora.

O presidente do Supremo Tribunal de Justiça ultimamente nomeado para a vaga deixada por morte



3. O sr. Abel de Pinho novo Presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

do sr. dr. Poças Falcão, é o sr. dr. Abel Pinho, cuja carreira tem sido das mais brilhantes na magistratura portugueza onde occupou sempre um lugar de destaque.



Aspéto das experiencias do extintor d'incendios *Minimax* cujos resultados foram surpreendentes.—(Tíché de Beaudet)

FESTA ELEGANTE EM SANTAREM



Sr. J. J. Nicolau Junior,
autor e ensaiador
da musica.

Santarem teve ha dias uma linda festa de caridade a qual concorreu a sua sociedade mais elegante, as mais formosas senhoras da cidade, que desejaram socorrer os pequenitos da prospera e beneficente cantina escolar.

Já ha muito que não se realisava ali uma festa tão interessante e que pela serie de agradaveis surpresas, pela maneira como decorreu, pela animação que sempre teve mais ainda ficou memoravel.

Constou a parte principal da recita, na qual tomaram parte algumas das mais gentis senhoras de Santarem, representando a «Morgadinha dos Loureiros», trabalho interessante do sr. Jacobetty Rosa e que durante tres noites atraiu a mais seleta concorrência ao belo teatro d'onde aquelas generosas damas tiravam obulos fartos para as creanças necessitadas que muito ficaram devendo a essas mocidades em flôr que, ao divertirem-se, pensam nos pobresinhos.



Sr. Jacobetty Rosa,
adaptador e ensaiador
da peça.



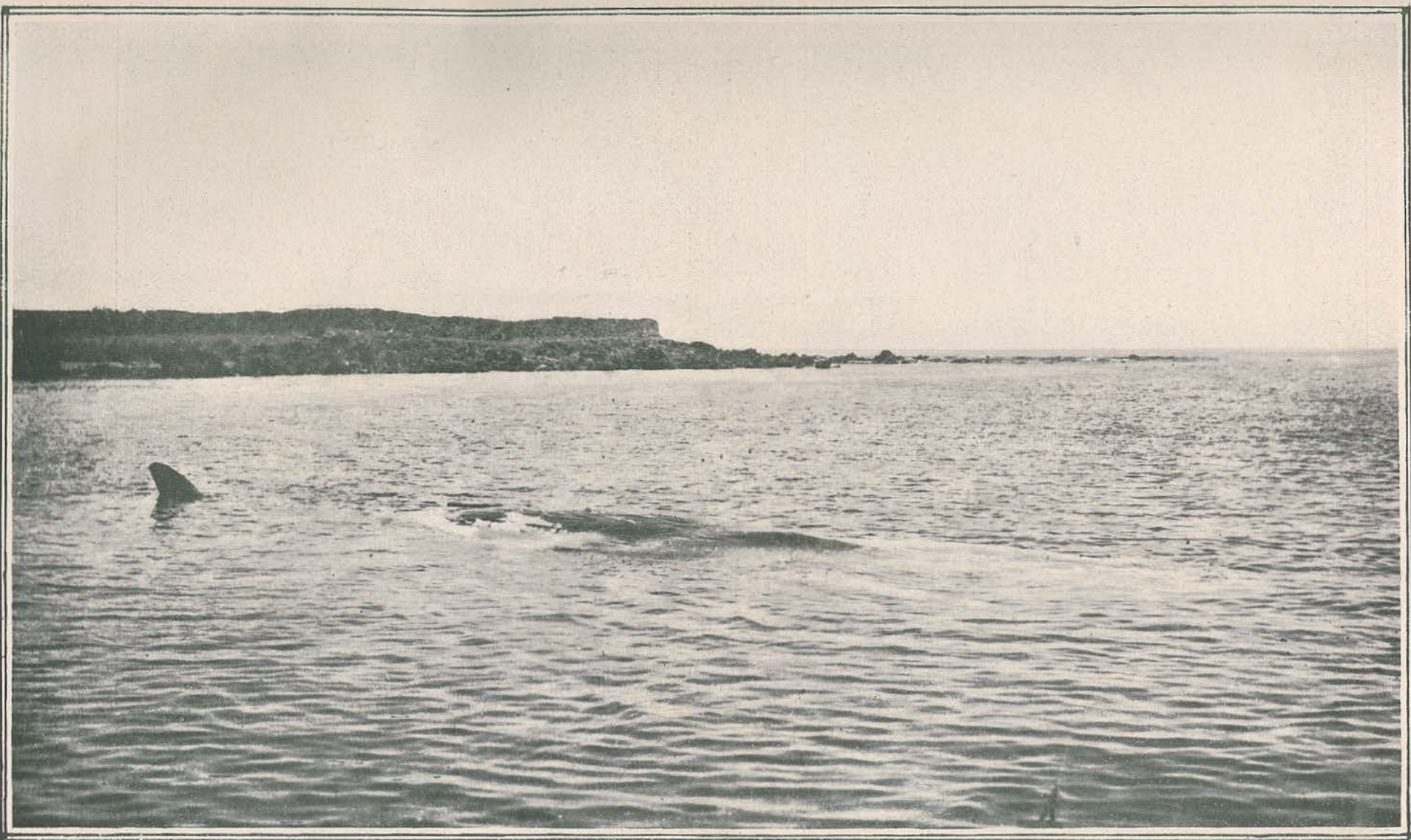
Parte do grupo «Jacobetty Rosa», de Santarem, que representou a opereta em 3 atos *Morgadinha dos Loureiros*, em beneficio da Cantina Escolar d'aquella cidade.—Da esquerda para a direita: 1.ª fila, sr. Miguel S. Jacobetty Rosa, srs.^{as} D. Amelia Pae da Vida, D. Maria L. Faria, D. Vicencia Cativo, sr. R. Caldas.—2.ª fila, sr.^{as} D. Maria das Mercês Canto, D. Matilde Branco, D. Margarida Campos, D. Maria L. S. Jacobetty Rosa (ensaiador), D. Marta Nobre, D. Saba Caldas, D. Eugenia Cabral, 3.ª fila: sr. Joao Godinho (pontal), D. Clotilde Neves, D. Zulmira Duarte, sr. Eduardo Montez, D. Maria T. Custodio, D. Noemia Campos, sr. José C. Monteiro (contra regra), sr. Elísio Lobo (contra regra)—4.ª fila, srs. Joaquim Jacobetty Rosa, D. Antonio Atalaia, Antonio Peixoto, M. Lopes Pires, Eduardo Campos, Julio S. Jacobetty Rosa, Rumen Neves, Felizardo da Conceição e Tancredo Pedroso. Além d'estes compunham mais o grupo: sr.^{as} D. Maria L. Basto, D. Maria S. Caldas, D. Albertina Caldas, D. Maria L. Calheiros, D. Alice Falcão, D. Clotilde Maldonado e os srs. Alfredo Duarte, Humberto de Carvalho, Joaquim Andrade, Ricardo Mota, Julio Caldas, Raul Carvalho, Julio Carvalho, Artur Pereira e J. Frazão.



D. Matilde Branco, uma das interpretes da opereta *Morgadilha dos Loureiros*.

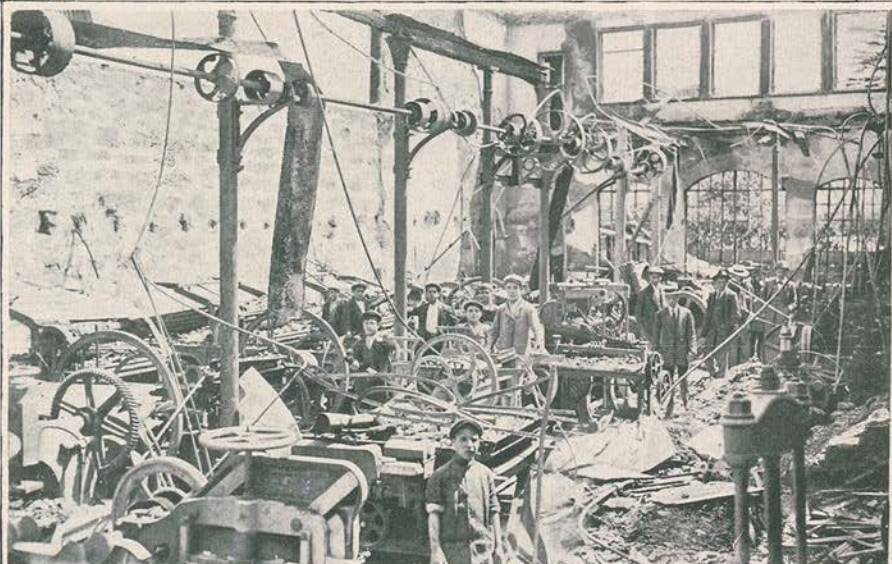


A opereta *Morgadilha dos Loureiros*. A abertura do 3º ato.—Clichê do distinto fotógrafo sr. Sequeira, de Santarém.



A pesca da baleia nos Açores. Estamos na quadra do ano em que ela começa com todo o ardor, sendo uma das indústrias de mais interesse para o formoso arquipélago. O cliché que reproduzimos, do distinto fotógrafo-amador sr. Manuel Fraga, representa uma grande baleia apanhada pelos pescadores da Ilha Graciosa, a qual media cerca de 20 metros de comprimento e produz 105 barris d'azeite.

DOIS GRANDES INCENDIOS



O incendio na Litografia Nacional dos srs. Souza & Filhos, no Porto. Um aspecto do interior do edificio depois do fogo.
(Cliché Alvaro Martins)

Ainda não se olvidara a terrível impressão do pavoroso incendio que totalmente destruiu a importante Litografia Nacio-

sendo consumidas muitas mercadorias ali armazenadas e encontrando-se no rescaldo muitas caçadeiras com coronhas falsas



O incendio no entreposto de Santos. O grande edificio destruído e em cujos escombros foram encontradas armas de contrabando. (Cliché de Benolici)

nal dos srs. Souza & Filhos do Porto, e cujos prejuizos se avaliam em mais de oitenta contos de réis quando se deu outro colossal incendio no entreposto de Santos em Lisboa

onde se escondiam pistolas que foram ao começo consideradas contrabando de guerra, mas que vinham destinadas a um conhecido armeiro.

A falta d'agua em Lisboa



A' vez no chafariz da rua do Sento.



Em volta do marco fontenário que mal tinha agua para tantas sédes. (Cliché de Benoit).

Lisboa esteve uns dias á mingua d'agua. Sob o calor ardente, escasseando a agua nos contadores, o povo correu para os chafarizes e marcos fontenários na esperança de se poder abastecer. 36 graus á sombra!... E era sob essa temperatura que mulheres, homens e rapazitos, com as suas bilhas e recipientes de toda a casta esperavam a vez para tomarem o liquido tornado precioso e que era um delgado fio a escorrer nas bicas. Sobretudo, na parte alta de Lisboa, a falta d'agua foi enorme, os depósitos esvaziaram-se só porque se ti-

nham consumido 52:000 litros na véspera, provando-se que ha uma grande deficiencia na fórma porque se cuida d'essa importante necessidade da vida lisboeta. A' manhã, se Lisboa fosse cerca-da, incapazes de servir como es-tão os poços citadinos, ao pânico da guerra juntar-se-ia uma das torturas maiores que existem: a dasêde. Nos bairros afastados, cu-jos habitantes se servem quasi exclusivamente dos chafarizes, foi enorme o receio, tendo-se pedido providencias energicas.

Durou pouco tempo essa si-tuação, mas, ainda assim, o povo não se conteve e foi procurar nas bocas de incendio a fórma de se abastecer da agua indispensavel. Algumas foram ar-rombadas violentamente, improvisando-se assim outros tantos chafarizes, em volta dos quaes houve grandes tumultos pela an-ciedade de todos encherem as suas bilhas ao mesmo tempo com medo de ficarem sem agua nas casas durante alguns dias, o que seria um verdadeiro suplicio sob esta temperatura torrida, asfixiante, quasi tropical.

E' urgente que se ponha em pratica um projeto para a introdução de novas aguas em Lisboa, o que obstará a este constante sobresalto da população e o ministro do fomento pretende na realidade realizar es-sa obra.



Figuras e Factos

Os delegados da comissão municipal de Chaves receberam, com os avarcimentos do chefe do Estado pelo seu convite para ir assistir às festas que se fazem n'aquella vila, por ocasião do anniversario da derrota de Paiva Couceiro, a comunicação de que tal visita se não podia realizar.

Pensára-se de começo, quando ainda, o sr. Pre-



sidente da Republica não adoeceira, em leval-o aos historicos logares do espaldão da carreira de Chaves e receber-o triunfalmente em toda a região indo hospedar-se em Vidago.

A enfermidade de que se encontra convalescente, obistou aos bons desejos dos flavienses já tão integrados na Republica.

Os srs. Mendes d'Araujo, Luiz da Conceição Moraes e Arnaldo Coelho Fortes, delegados da Comissão Municipal de Chaves e que vieram a Lisboa convidar o chefe do Estado a visitar aquella vila no dia 5 de julho, anniversario da 2.ª incursão de Paiva Couceiro cujos soldados foram derrotados no espaldão da carreira de tiro d'aquella localidade.



A comissão e o grupo de catholicos que foi ao Parlamento protestar contra as cultuvas nas egrejas de S. Vicente e da Graça, a qual foi rejeitada pelos presidentes das duas Camaras, os quoms não poderam dar seguimento ás suas representações visto não estarem feitas segundo as disposições legais.—(J. Chôa de Benollet)

Uma grande comissão de catholicos, tendo á frente muitas senhoras da aristocracia, e representando muitos milhares que se insurgem contra as cultuvas, procurou apresentar o seu protesto ao Parlamento contra a applicada á egreja da Graça cujo prior, ante a posse da ca-

pela do Senhor dos Passos, dada pelas autoridades aos membros da comissão civil, declarou interdita a sua egreja que o governo, todavia, mandou reabrir nomeando-se para ali outro sacerdote como succedeu para S. Vicente, cujos paroquianos catholicos tambem protestaram.

Julio Dantas tem sido na literatura nacional um vencedor.

Começou pela poesia e o seu livro de versos *Nada* causou uma profunda sensação pelas idéas espendidas. Fez a sua estreia como dramaturgo e *O que moriea d'amor* deu-lhe uma reputação d'homem de teatro, continuada depois com as suas peças, celebradas pelo publico, como *A Sereia*, *Paco de Veiros*, *D. Beltrão de Figueira*, *Cria dos Cu deas* e o *Vilão* *tiario*, que se movem n'um ambiente historico ou de galanteria.

Outras tentativas de teatro



moderno feitas com os *Crucificados* e o *Repositório Verde* não fizeram senão aumentar a aureola de gloria em volta do homem de letras que, muito novo ainda, já ascendeu ao primeiro logar que a glorificação official concede em Portugal.

Julio Dantas, que é também um erudito, acaba de ser nomeado socio efetivo da Academia de Ciencias, para a vaga deixada pelo ultimo romantico, o illustre poeta Bulhão Pato. E' o mais novo dos socios efetivos e era socio correspondente desde 1906.

Sr. dr. Julio Dantas, o illustre escritor nomeado socio efetivo da Academia de Ciencias de Lisboa.



1. O capitão sr. Julio Ernesto de Moraes Sacramento, lente da Escola de Guerra, que salvou a vida ao aluno sr. Ferreira Lima quando este trocava de Teia durante um exercicio em Tancos. 2. A chegada a Lisboa dos alunos de artilheria da Escola de Guerra, depois da sua permanencia para a instrucção tecnica em Tancos. 3. O aluno sr. Ferreira Lima.

(Clube de Republica).

A morte do doutor medico da armada, sr. dr. Jaime dos Santos Faria, foi muito sentida.

Morreu, vitima do desampenho corajoso e dedicado do seu cargo.

Quando fazia, no hospital de marinha, uma operacao a um doente, recebeu uma infeccao e foram impotentes todos os esforços dos seus colegas para o salvar.

Deixa um nome tão illustre na clinica, como querendo entre os amigos.



Sr. Jaime dos Santos Faria
1.º tenente medico naval



General sr. Eusebio Marçely
Pereira

O general, sr. Eusebio Marçely Pereira, falecido em Lisboa, foi um official distintissimo que, como poucos, honrou a arma de engenharia, a que pertencia e em que prestou assinalados servicos. Tinha 88 anos e, apesar d'eles, ainda exercia com tanta assiduidade como zelo o cargo de vogal do conselho superior d'obras publicas e miras. Era pae do sr. Eusebio Pereira Marçely, funcionario superior muito distinto do ministerio do fomento.

O sr. dr. Campos Sales foi um dos mais ilustres presidentes da República Brasileira cargo que ocupou em 1898, de seguida a Prudente de Moraes.

Lisboa recebeu-o pouco antes de tomar posse d'esse supremo lugar do seu paiz, acolheu-o, saudou-o, festejou-o com um entusiasmo que jámais esqueceu.

Campos Sales era um advogado distintissimo formado pela Universidade de S. Paulo, a florescente provincia brasileira, que novamente impunha a candidatura do seu dileto estadista á presidencia da Republica, que tantas discussões está causando no Brazil e a que ele poria termo aceitan-



do o convite dos seus partidarios acerrimos.

A morte não deixou que o prestante cidadão succedesse ao presidente Hermes da Fonseca ocupando mais uma vez o lugar onde tanto se destacara mostrando as suas grandes qualidades de economista e financeiro.

O Congresso decretou-lhe honras de chefe d'Estado constituindo o seu funeral uma comvente cerimonia. Em S. Paulo foi um dia de verdadeiro luto, tendo-se encerrado os estabelecimentos e indo a maioria dos habitantes acompanhar o feretro e no meio d'eles o representante do presidente Hermes.

O grande estadista brasileiro sr. Campos Sales, que foi presidente da Republica e era novamente candidato a essa alta magistratura, falecido em 25 de junho, em S. Paulo.



As alunas do distinto violinista sr. Pavia Magalhães que tomaram parte no concerto realisado no Salão da Ilustração Portuguesa. 1.º plano: sr.ª D. Albertina H. Feres, D. Cremilda Provença Cutileiro, sr. Pavia de Magalhães, sr.ª D. Lidia Provença Cutileiro e D. Ilda Rompana. 2.º plano: Os srs. João Trigo, Manuel Fontes Alves, João Nunes d'Almeida, Marcial Rodrigues e Rogério Torres. 3.º plano: sr. Simplicio Rocha Lamego, sr.ª D. Lucilla Vieira, D. Maria Romero Iglesias, D. Alzira Correia e o sr. Antonio Marques—(Cliché de Benedit)



VERASCOPE

Exigir a Marca
A venda nas principais casas
de artigos photographicos.

Venda por Atacado: 25, rue Mélingue, }
Venda a retalho: 10, rue Halévy, } PARIS
Envio franco do Catalogo
(gratis)

RICHARD



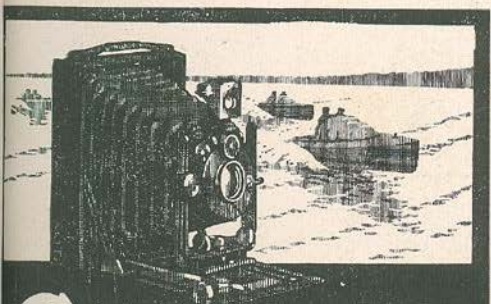
A PHOTOGRAPHIA DE TUDO PARA TODOS

Para que
= viver? =

triste, miseravel, preocupado, sem a nor,
sem alegrias, sem felicidade quando é tão
facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE,
AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS
JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa bro-
chura GRATIS do professor YNALO, 35,
BOULEVARD BONNE NOUVELE — PARIS.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETOZEIROS, 141
Telephone 2777 LISBOA



Goerz TENAX

Machinas cómodas e de maior precisão para
todos os fins da photographia

O modelo mais moderno:

Goerz-Taro-Tenax 9 12 cm

com tenastigmatico Goerz

A venda em todas as lojas de artigos photographicos

Lista de preços gratis

Optische Anstalt C. P. GOERZ Aktiengesellschaft
Berlin-Friedenau 11
VIENNA PARIS LONDRES NOVA JORK



CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as
influencias perniciosas da atmosfera,
é indispensavel adoptar para a toilette
diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o
SABONETE Crème Simon, pre-
parados com glicerina, a sua acção
benefica é tão evidente que não ha
ninguém que o use uma vez que não
reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e
Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellerei- os.

Desconfiar das Imitações.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
para crianças e pessoas
edosas.



CARNE LIQUIDA

do Dr. Valdez Garcia
de MONTEVIDEO

E' O MELHOR—TONICO—RECONSTITUINTE

para curar a anemia, debilidade geral, afeções nervosas para a tísica, creanças raquiticas e convalescentes



—Ora ahi está a
chave do enigma!
Quando usava os
de 120 m/m andavam
os pneumaticos
sempre a furar-se;
agora, que uso

PNEUS CONTINENTAL

de 125 m/m, feitos de
proposito para jan-
tes de 120 m/m, já
estou descansado:
não ha mais pan-
nes.



PNEUS

CONTINENTAL

A VENDA EM TODAS AS GARAGENS